

## RESENHAS

Profª Drª Doraci Alves Lopes

Departamento de Ciências Sociais - Instituto de Ciências Humanas - PUC-Campinas

### **Mundos entrecruzados: formação de professores leigos**

A primeira idéia que me ocorreu ao receber o convite para escrever esta resenha é a de que seria muito difícil me aventurar a pensar o livro *"Mundos Entrecruzados"*, apenas com a docência de Ciências Sociais no ensino superior. Pensei, ao mesmo tempo, que seria gratificante a tarefa de transmitir alguma reflexão até certo ponto 'estrangeira', de alguém que observa à distância e com entusiasmo a experiência do *Projeto Inajá* - *Curso de Formação e Habilitação de Professores Leigos em exercício do Magistério*, MT (1987-1990).

Em 1990, ao visitar Santa Terezinha do Araguaia, município sede do *Projeto*, tive a oportunidade de dimensionar a riqueza da troca de conhecimento que estava ocorrendo em modestas salas de aulas, literalmente à beira do rio, um cenário natural fantástico reunindo pessoas com modos de vida tão diferentes entre si, alunos e professores.

*Esses professores leigos vieram da roça, da cidade, dos patrimônios (distritos de municípios) e da aldeia Tapirapé e agora, após o Inajá ..., possuem habilitação em nível de 2º grau. A grande maioria é constituída de posseiros que complementam o orçamento doméstico como professores. ... vivem isolados, precariamente servidos pelos meios de comunicação e de transporte e que, ao longo do curso, ao buscarem a recuperação de sua identidade,*

*começaram a perceber o valor de sua história, ... . Enfim essa experiência singular, ainda hoje ausente da História da Educação Brasileira, precisava, urgentemente, ser relatada, sistematizada e refletida ... Essa é, portanto, a principal preocupação e objeto deste trabalho, cuja importância está diretamente relacionada ao despontar de novos projetos no Brasil em tempos e espaços diferentes.<sup>2</sup>*

Entre muitas, a questão que mais me entusiasmou para escrever sobre o livro, foi a riqueza de abordagens e discussões possíveis de serem feitas a partir da análise da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dulce M. P. de Camargo. Me flagrei perguntando qual delas seria a mais importante para demonstrar a relevância de sua interpretação acadêmica. Relendo o livro, admito que esta é uma falsa questão.

Poderão se reconhecer neste complexo universo de vivências culturais e educacionais, desenvolvidas no Médio Araguaia, para mencionar apenas algumas delas, muitos perfis de leitores, principalmente aqueles comprometidos com diferentes graus de ensino e áreas de conhecimento.

As múltiplas possibilidades de análise sobre o *Projeto Inajá* se deve, evidentemente, há vários fatores conjugados ou oportunamente reunidos. Podemos perceber alguns, como a formação intelectual da autora, que trabalha com competência e sensibilidade áreas como a da Educação, História, Geografia, Sociologia, Metodologia da Pesquisa Social, Metodologia da Pesquisa em Educação, compondo uma visão multi e interdisciplinar em seu caminho intelectual. A própria bibliografia chama a atenção, com distintas contribuições teóricas, permeadas por uma direção metodológica voltada, especialmente, para a etnografia.

Ao citar Elsie Rockwell, traduz o trabalho conjunto com outros professores do *Projeto Inajá*, das áreas de História, Geografia e Sociologia.

*Pelo seu posicionamento, a autora não se coloca nem entre os empiristas radicais e nem entre os racionalistas.*

*Sua posição é a de que é possível ter uma outra forma de conceber a relação teoria e pesquisa. ... Assim, a descrição do particular é a consequência da elaboração teórica e não somente da observação empírica. Portanto, a experiência de campo não deve ocorrer em um vazio teórico. ... Quanto ao Projeto, este visa sobretudo atingir a realidade escolar no contexto rural e indígena, a partir da observação e da experimentação. Nesta perspectiva, ... rompe com o ensino convencional ... Esta prática teve como estratégia principal o Laboratório Vivencial - ou seja, a vizinhança do observador que percebe essa realidade a partir de seus referenciais ... Apesar de ser o mais "interdisciplinar" dos laboratórios, necessita de uma metodologia que permita a sistematização do conhecimento. Assim, tal metodologia teve como fundamentação básica a abordagem etnográfica para o tratamento do conteúdo observado.<sup>3</sup>*

Outra razão pode ser apontada para compreendermos as características de seu livro. A seriedade com que trata de explicar ao leitor os inúmeros e inusitados desafios teórico-metodológicos enfrentados na prática, dada à sua capacidade de trabalho coletivo, mergulhando em trocas contínuas de idéias com muitos dos educadores, igualmente responsáveis pelo *Projeto Inajá*. Em companhia dos mesmos atuou, seja como sujeito da construção teórica de um processo educacional único, seja como aprendiz dos *Professores Leigos*, ou *Cursistas*, plenos de conhecimentos da vida local.

O senso de compromisso na condução deste projeto educacional emerge constantemente da leitura, uma vez que vamos sendo introduzidos na importância da história regional através de temas como *terra e trabalho* ou descobrindo os conflitos e a diversidade cultural dos grupos sociais existentes, por meio dos conteúdos e sentidos que os *Cursistas do Projeto Inajá* vão dando a conceitos como *espaço, tempo e relações sociais*. Sistematizando o conhecimento empírico, até então política e socialmente dispersos, funda-

mentalmente chegam à uma visão mais crítica e complexa do mundo, reelaborando suas respectivas histórias de vida ao passarem à condição de *Professores*, não mais leigos.

É interessante acompanhar, em muitos momentos do livro, como as reflexões sobre estas práticas de ensino do grupo de professores do *Projeto Inajá* vão emergindo tanto do calor da hora das salas de aula no Araguaia, como dos trabalhos acadêmicos em Campinas.

Finalmente, como socióloga, preocupada com temas relacionados com movimentos sociais, habitação, modos de vida, história e cultura da classe trabalhadora no Brasil, destaco ainda outra contribuição da obra.

O *Projeto Inajá* emergiu de aspirações de um movimento social com características acentuadamente políticas, devido aos anos de ditadura, que foi se firmando como movimento social mais cultural, com transformações irreversíveis para o processo educacional das populações locais, porém, sem deixar de afetar, ou mesmo contrariar velhos interesses políticos e econômicos, típicos da região.

*Inajá! Realmente não poderia haver nome mais significativo para um Projeto que resistiu a tantas adversidades desde os primeiros minutos em que foi gestado. Sintetiza a história de 20 anos de lutas na região. ...se originou de iniciativas educacionais isoladas, lideradas por um grupo de pessoas provenientes não só da região, como também, do sul e sudeste do país. ... Dentre os problemas principais, destacavam-se: a não distribuição equitativa das escolas do ponto de vista geográfico; a precária formação do professor; o elevado índice de analfabetismo; o grande número de crianças que permanecia fora da escola e a significativa evasão escolar.<sup>4</sup>*

Nos dois primeiros capítulos que compõem a obra, a autora contextualiza histórica e geograficamente o *Projeto* e a região do Médio Araguaia, onde este se desenvolve. Nos três últimos, aborda o processo de construção da metodologia, problematizando espaços e

tempos diferentes, o que ao final, possibilita ao leitor a percepção do significado do título do livro: *Mundos Entrecruzados ...*

Em tempos de nova LDB, este livro é absolutamente atual, pois permite problematizações abertas para pensarmos diferentes caminhos ou novas vivências educacionais também nos grandes centros urbanos. Para mim, reafirma nosso objetivo primeiro, que é formar um aluno ético, um cidadão que deve se construir sujeito de conhecimento, numa perspectiva de capacitação permanente, continuada, para atuar no mundo em que vive. Deste modo, não perderemos de vista o compromisso coletivo maior para com o contínuo aperfeiçoamento democrático de nossa sociedade.

*As sementes do Inajá foram espalhadas ... o Médio Araguaia que, no início dessa experiência educacional, me parecia um "horizonte utópico", ao final dela, se transformou em "lugar epistemológico", conforme expressões de René Girard. Nele, pude em co-autoria, desenvolver uma prática pedagógica que resultou na construção de uma metodologia de trabalho fundamentada na etnografia, na História Nova e na Geografia Crítica. ... um caminho de reflexão a posteriori. Ele tem como base uma síntese de conhecimento que perpassa mais de 20 anos de leitura.*<sup>5</sup>

Reconhecer a diversidade e discutir o papel dos movimentos sociais na (re)construção do conhecimento que se opera no desenvolvimento do pensamento científico e vice-versa é um desafio ainda pouco perseguido pela academia. Nesta perspectiva, me senti muito contemplada pela leitura de *Mundos Entrecruzados*, uma vez que os movimentos sociais não podem ser interpretados apenas conjuntural ou pontualmente, seja no tempo ou no espaço social em que costumam deixar suas marcas e desdobramentos.

## NOTAS

- (1) Palmeira da região do Médio Araguaia. Morre e volta a nascer, mesmo depois de queimadas. Reiste ao clima adverso, sem água, em tempo de seca.
- (2) Camargo. 1997: 13, 14
- (3) Camargo. 1997: 32, 33, 34
- (4) Camargo. 1997: 17, 18
- (5) Camargo. 1997: 167, 168

Raquel Pereira Rocha

4º ano Ciências Sociais/Bolsista PIBIC/CNPq/Laboratório de Etnologia

### **Filmes etnográficos sobre etnias indígenas brasileiras e o "olhar sobre gênero"**

O Laboratório de Etnologia do ICH da Puc-Campinas tem promovido como parte de suas atividades a apresentação de filmes etnográficos sobre etnias indígenas brasileiras, com o objetivo de contribuir para a difusão de conhecimento a respeito da diversidade étnica indígena existente no Brasil.

Faz parte também do trabalho do Laboratório de Etnologia a construção de um tema de pesquisa que investiga a questão do gênero, tal como se dá nas obras etnográficas pertencentes a etnologia brasileira, sobretudo com relação às etnias pertencentes a família linguística Jê. Sendo assim, buscamos dentre as possibilidades de estudos que um filme documentário pode oferecer, observar de que forma foram tratadas as questões de gênero e como homens e mulheres das aldeias focalizadas foram apresentados.

Os filmes de documentários etnográficos podem ser, em grande parte, responsáveis pela difusão do conhecimento sobre etnias indígenas, sobretudo para uma camada maior da população que não tem acesso as produções e publicações acadêmicas sobre o assunto. No entanto, a veracidade que se espera de um filme que retrata o cotidiano de uma sociedade indígena é na verdade filtrado pelo "olhar" das pessoas que o dirigem. Esse "olhar" carrega o conhecimento prévio que possui da cultura retratada, cuja pesquisa revela-se importante para a realização de um filme desse tipo, como também, toda a referência cultural dos próprios idealizadores do documentário. Consideramos assim que o documentário não pode ser "puro" filme da realidade, fato que torna possível a análise dos tipos de enfoques e informações transmitidas por um filme etnográfico.

É importante, no entanto, ressaltar que os objetivos dos(as) idealizadores(as) e diretores(as) dos filmes analisados, não se direcionaram para a questão de gênero. Esta constituiu-se enquanto uma preocupação que tem por meta, o atendimento de nossos interesses de pesquisa.

Realizamos essa resenha com enfoque sobre o tema proposto sobre quatro filmes, a saber: **“Yākwa - O banquete dos espíritos”**, dirigido por Virgínia Valadão, de 1995, que trata do grupo Enawenê Nawê; **“Eu já fui seu irmão”**, dirigido por Vicent Carelli, de 1993/94, cujos grupos tratados foram: os Krahó e os Parkatêjê; **“A Festa da Moça”**, também dirigido por Vicent Carelli, de 1986, sobre os Nambiquara, (ambos fazem parte do programa, “Vídeo nas Aldeias”, coordenados pelo CTI); e **“Wai’a - O segredos dos Homens”**, do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), que retrata uma prática ritual Xavante. Procuramos fornecer aqui uma sinopse de cada filme com o acréscimo de comentários pertinentes ao objetivo proposto, levando em conta três elementos, utilizados na transmissão das informações, que consideramos básicos, ou seja: as imagens, a fala narrativa e a fala dos nativos.

### **Filme 1 - “Yākwa - O Banquete do Espíritos”**

Direção: Virgínia Valadão/ano: 1995/dur. 30'00.

**Sinopse:** Esse filme busca registrar a realização do Yākwa, ritual realizado entre os Enawenê Nawê que dura aproximadamente 7 meses. Durante esse período é oferecido aos espíritos, comidas, danças e músicas. Os homens revezam-se no papel de anfitriões dos espíritos; cuidam do fogo e das oferendas. Os homens encarregados da pesca representam os espíritos; estes entregam aos anfitriões os primeiros peixes, e em troca recebem enfeites e bebidas.

Em 1994, quando o ritual foi registrado os Enawenê, dividiam-se em 9 grupos rituais, sendo que cada grupo relacionava-se

com um conjunto de espíritos e de instrumentos musicais. Os grupos cantam e dançam em sequência até que todos os grupos sejam recebidos no pátio.

**Comentário:** Esse filme procura mostrar qual a contribuição dos homens e das mulheres, no preparo e realização do ritual. Porém, os registros tendem a se dar separadamente, e quando é a vez das mulheres fica muito difícil a coleta das imagens pois elas se mostram arredias. Um exemplo disso aparece em um momento em que se tenta filmar as moças preparando cestos em meio a uma plantação. Uma delas diz: *“olha ele está filmando a gente”*, e então uma outra imediatamente bate na câmera com uma folha para afastá-la. Outro flagrante é quando tentam filmá-las no início de um dia, após uma noite de ritual; mas, quando elas saem da casa e percebem que estão sendo filmadas, entram correndo novamente para dentro da casa. São poucos os momentos em que elas aparecem no convívio da aldeia, plantando com os homens, banhando-se no rio com as crianças ou preparando bebida dentro de uma casa.

Em geral, nas cenas onde as mulheres aparecem, os homens não estão, e onde os homens são predominantes as mulheres estão fora de cena. Uma cena significativa nesse sentido é quando no período inicial do ritual, o filme mostra os homens pegando cuias cheias de bebida e não aparece quem as prepara. No final do filme é que aparecem as mulheres preparando a bebida dentro de casa.

Para quem busca conhecer essa etnia através desse filme, sobre a questão de gênero pode ter então a impressão de que as mulheres são sempre arredias e de difíceis sociabilização, e de que a participação efetiva no ritual é menos significativa que a dos homens.

### **Filme 2: “Eu já fui seu irmão”**

Direção: Vicent Carelli/ano 1993-94/dur. 32'00

Coordenação: Centro de Trabalho Indigenista

Programa: “Vídeo nas Aldeias”

**Sinopse:** O Chefe Parkatêjê, Kokrenum, preocupado com a falta de interesse dos jovens de sua aldeia em dar continuidade às atividades

tradicionais, e, com o distanciamento do seu grupo da cultura ancestral, fato provocado pela proximidade com os “brancos”, que poderia segundo ele resultar na descaracterização de seu povo enquanto um grupo indígena, decide visitar os Krahó, a fim de reaprender danças e atividades ritualizadas, que tinha por “esquecidas” do seu povo.

Os dois grupos então se visitam e participam juntos das atividades da aldeia, envolvendo os jovens de ambos os grupos e o chefe Kokrenum dá depoimentos acerca das mudanças culturais que a “mistura” com o branco está provocando entre seu povo. Os dois chefes selam amizade e o compromisso de unirem-se a fim de preservarem a cultura de seus povos.

**Comentário:** O objetivo desse filme foi documentar o encontro entre os dois grupos e trazer a tona a discussão da problemática cultural provocada pelo contato dos povos indígenas com a sociedade envolvente.

No decorrer do filme são os homens que aparecem contando as histórias de seus rituais, explicando o desenvolvimento das atividades ou preocupados com o resgate cultural. As mulheres em geral, quando esse é o enfoque principal, ou seja, homens falando sobre questões culturais, aparecem ao fundo das cenas, ou em atividades que retratam a narrativa. Raramente participam ou protagonizam esse tipo de fala.

O “olhar” nesse caso volta-se sobretudo para a fala e as atitudes dos homens sem preocupação com as relações de gênero, ou com a participação específica de homens e mulheres durante os encontros dos grupos em questão.

Uma cena que pode ilustrar esse comentário: o chefe Parkatêjê explicava ao chefe Krahó, como deveria se desenvolver uma determinada atividade, durante a conversa eles foram interrompidos por uma voz feminina que provavelmente acrescentava instruções, porém, a autora da fala não apareceu, os dois olharam em direção a voz, ouviram-na, Kokrenum concordou com ela e continuou com as instruções.

**Filme 3: “A Festa da Moça”**

Direção: Vicent Carelli / ano: 1986 / dur. 18'00

Coordenação: Centro de Trabalho Indigenista

Programa: “Vídeo nas Aldeias”

**Sinopse:** A festa da moça é uma cerimônia Nambiquara que marca o fim da reclusão das meninas, quando ela é então considerada apta ao casamento. A reclusão tem início após a primeira menstruação, e dura alguns meses.

O filme pretende também mostrar como a realização desse ritual é importante na revitalização cultural dos Nambiquara pois por ocasião dessa festa as várias aldeias que compõe essa etnia tem a oportunidade de se reunir na aldeia, onde o ritual acontece. O ritual encerra-se com a apropriação simbólica da moça pelo grupo visitante e a reafirmação dos laços de solidariedade.

**Comentário:** Mulheres e homens aparecem como parte do processo ritual, porém o enfoque não se detém na questão das moças que se preparam para o casamento, e não se aprofunda nas relações de gênero que estão envolvidas nesse fenômeno, e também não se preocupa em detalhar a participação de cada sexo na preparação do ritual. O objetivo na verdade, é através do registro do ritual demonstrar como esse evento promove a revitalização da cultura Nambiquara.

Essa preocupação aparece no registro do momento em que os Nambiquara assistem as imagens do ritual realizado por eles e constataam que estão usando roupas demais e poucas pinturas e resolvem refazer a cerimônia. Além disso, o “olhar” também se direciona para questões que dizem respeito a luta para a conquista da demarcação do território desse grupo, e o aumento da população verificado na década de 80.

O registro da cerimônia, com flagrantes de como é tratado o casamento, a puberdade e os próprios elementos rituais que simbolizam a apropriação da moça pelo grupo visitante; a maneira

como meninas e rapazes participam das danças; bem como a lenda que um velho nativo conta, sobre o fundamento da festa da moça, podem constituir-se em dados interessantes para estudos de gênero entre os Nambiquara.

#### **Filme 4: “Wai’a - O Segredo dos Homens”**

Direção e Coordenação: Centro de Trabalho Indigenista/ano: 1988/dur. 15’00

**Sinopse:** O Wai’a é um ritual de iniciação masculina, que envolve homens divididos ao menos em duas metades cerimoniais e cujos preparativos e espaços onde se realizam o ritual são considerados “segredos masculinos”. O filme registra todo o desenvolvimento do ritual, e procura explicitar como essa prática é importante para a incorporação dos ideais masculinos, como a belicosidade e a coragem e para a preservação da cultura Xavante.

**Comentário:** As imagens e a narrativa que mostram as atitudes das mulheres durante a realização desse ritual, fazem jus ao caráter misterioso do Wai’a. Diante da realização das danças e das demais atividades ritualísticas, a expressão buscada é sempre de perplexidade, admiração e medo. A própria narrativa reforça essa colocação ao mostrar um grupo de mulheres olhando a dança dos homens, conservando uma certa distância, enquanto diz que *“elas (mulheres) ficam em casa curiosas e assustadas”*.

Em alguns momentos quando cabe a interferência das mulheres no ritual, as imagens mostram atitudes agressivas ritualizadas contra a participação delas, como no momento em que as meninas, irmãs dos meninos em iniciação, tentam dar-lhes água, são repelidas por outros adultos (os “guardas”) com empurrões e tapas: *“As meninas, as nossas irmãs ficam com dó da gente quando elas levam água, e os guardas não deixa, os guardas também sofre. As irmãs tem que entregar a cabaça com água, se o guarda pega pisa no pé delas”*.

Outro momento de interferência é no final, quando as mães correm em socorro dos filhos enfraquecidos pelo tempo que ficaram sem água e expostos ao sol. Elas os reanimam com água enquanto entoam um canto choroso.

O “olhar” sobre o gênero pode ficar por conta da rivalidade entre os sexos, que se revela quase como um jogo, onde um segredo deve ser mantido no mundo masculino. As mulheres caberia tentar “furar”, todo o esquema que prova a coragem dos futuros guerreiros, com o pretexto de auxiliá-los em sua difícil tarefa de tornarem-se bravos e corajosos.

Até onde vai essa rivalidade, se ela existe na realidade ou se ela encontra eco no cotidiano, não é o que o filme se propõe a nos mostrar. Quem sabe num próximo capítulo...

## O "OLHAR" SOBRE GÊNERO

De acordo com o objetivo proposto para a realização da presente resenha, procuramos analisar como o “olhar” que dirigiu cada filme direcionou-se para as relações de gênero, e como foram apresentados homens e mulheres, de cada grupo indígena estudado. Neste aspecto pensamos que embora a questão de gênero não tenha feito parte do objetivo maior ou explícito dos filmes, é possível inferir sobre características que perpassam todos eles, desenhando pontos comuns, que podem servir de base para um estudo que revele a tendência do olhar sobre gênero, dos filmes documentários de etnografia indígena brasileira. Poderíamos dizer que mesmo que as relações de gênero não se constituíam enfoque direto, elas aparecem no “campo de visão” das (os) idealizadoras (es) dos filmes, quer seja por conhecimento prévio da etnia registrada, ou sobretudo pela referência cultural que os (as) idealizadores (as) possuem.

Quanto aos pontos em comum, em primeiro lugar pensamos que perpassa pelos quatro filmes, sobretudo os três primeiros citados, a preocupação em registrar a consciência e a preocupação do

índio com a revitalização de sua própria cultura, sobretudo após a problemática do contato com segmentos da cultura nacional. O registro visual dos rituais, nesse sentido são utilizados como meio de atingir essa meta.

A respeito de como homens e mulheres são apresentados e da questões de gênero podemos dizer que:

- em geral as imagens do mundo masculino se sobressaem as do mundo feminino; as atividades e os cerimoniais masculinos são mais detalhadas; são eles que falam a respeito das questões culturais, que contam as histórias referentes ao seu povo; o que reforça a primeira vista o caráter público do papel masculino;
- as cenas com as mulheres contrastam com as masculinas, por sua falta de detalhes. Em alguns casos como relatamos nos filmes, por concentração no registro dos diálogos masculinos, a respeito da problemática cultural (filme 2), ou por elas revelarem-se arredias (filme 1);
- quando as imagens buscam a contribuição de ambos os sexos na realização de alguma atividade, a tendência é aparecerem separados;
- as imagens femininas são buscadas muitas vezes para a demonstração do “belo” que se tem como incorporado a cultura indígena e também como símbolo da harmonia existente entre vida indígena e natureza, (mesmo porque elas raramente “falam”)
- as relações de gênero, conseqüentemente são muito pouco mostradas ou aprofundadas; imagens que mostrem homens e mulheres juntos em alguma atividade ou em algum outro tipo de relação cotidiana são raras, geralmente aparecem rapidamente como parte do “cenário”;

A fim de ilustrar essa concepção relembramos aqui uma cena do filme “Eu já fui seu irmão”: pessoas caminhavam em fila para o centro da aldeia a fim de participarem dos preparativos de uma

cerimônia, ao fundo aparece a silhueta de uma índia, que em pé sobre uma elevação de terra, olha para o horizonte, no sentido contrário à fila, quando então, o sol da tarde em contraste com a luz do filme, transforma sua imagem numa sombra.

Esse exemplo ilustra uma conclusão possível de que nestes filmes a mulher está “ao fundo”, fazendo parte da “natureza” de sua cultura, envolta na incógnita da sombra, e as relações de gênero estão também na obscuridade, quem sabe encerrados com elas, na mesma sombra...

Não pretende-se aqui porém, criticar os enfoques dados pelos filmes etnográficos, cuja iniciativas são bastante louváveis, mesmo porque de forma geral, gênero x etnografia tem sido tema ainda pouco explorado na Antropologia brasileira, fato que os filmes acabaram refletindo. O que revela que para enfocarmos questões relativas as relações de gênero, quer na literatura científica ou não, ou em filmes documentários, requer um conhecimento construído previamente, que não nos deixe a mercê de nossas próprias referências culturais.

## BIBLIOGRAFIA

ANN, Kaplan E. A Mulher e o Cinema. Rocco, RJ, 1983.